

A condução do uso de medicamentos por mães de crianças

The leading of use of medicines by mothers of children

DOI:10.34117/bjdv8n6-371

Recebimento dos originais: 21/04/2022

Aceitação para publicação: 31/05/2022

Marcony Raimundo Figueiredo de Carvalho

Mestre em Ensino em Saúde pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Instituição: Prefeitura de Araçai - MG

Endereço: Rua João de Paula Moura, 101, Centro, Araçai - MG

E-mail: nycarvalho@hotmail.com

Diogo Neves Pereira

Doutor em Antropologia pela Universidade de Brasília

Instituição: Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Endereço: Rodovia MGT 367, Km 583, nº 5000, Alto da Jacuba, Diamantina - MG

E-mail: diogo.pereira@ufvjm.edu.br

RESUMO

O trabalho reflete acerca de como pais de alunos do ensino fundamental compreendem e atuam sobre as múltiplas dimensões que envolvem a utilização de medicamentos por seus filhos. Seu objetivo é entender as práticas destes cuidadores, considerando seus hábitos de uso de medicamentos – destacando-se as relações simbólicas que estabelecem entre eles e outros elementos do cotidiano, o desenvolvimento de tratamentos, o armazenamento, a posologia e a administração. Trata-se de estudo descritivo, de abordagem qualitativa, tendo os dados sido obtidos através de grupos focais e submetidos à análise de conteúdo. Foi realizado no contexto da Escola Municipal Jorge Mascarenhas, localizada no município de Araçai, Minas Gerais. Participaram pais de alunos do Ensino Fundamental 1. Os resultados indicaram a existência de constante consumo de medicamentos entre crianças e adolescentes, tendo como principais condutores seus pais e cuidadores. Indicaram, também, que a implantação de ações que minimizem os riscos relacionados ao uso inadequado de medicamentos deve privilegiar o oferecimento de orientações difusas e multidimensionais às mães, uma vez que a gestão do consumo dos medicamentos se vincula a percepções, práticas e ponderações mais amplas, ligadas a diferentes âmbitos da vida familiar e social.

Palavras-chave: uso racional de medicamentos, automedicação, saúde da criança.

ABSTRACT

The work reflects on how parents of elementary school students understand and act on the multiple dimensions that involve the use of medicines by their children. Its goal is to understand the practices of these caregivers, considering their habits of using medicines – highlighting the symbolic relationships that they establish between them and other elements of daily life, the development of treatments, storage, dosage and administration. This is a descriptive study, with a qualitative approach, the data having been obtained through focus groups and submitted to content analysis. It was carried out in the context

of the Municipal School Jorge Mascarenhas, located in the municipality of Araçaí, Minas Gerais. Parents of elementary school 1 students participated. The results indicated the existence of constant consumption of medicines among children and adolescents, having as main drivers their parents and caregivers. They also indicated that the implementation of actions that minimize the risks related to the inappropriate use of medications should favor the provision of diffuse and multidimensional guidelines to mothers, since the management of medication consumption is linked to broader perceptions, practices and considerations, linked to different areas of family and social life.

Keywords: rational use of medicines, self-medication, child health.

1 INTRODUÇÃO

Medicamentos são, certamente, dos mais importantes recursos terapêuticos da medicina moderna. Promovem a cura, prolongam a vida das pessoas e retardam o surgimento de complicações associadas a doenças, facilitando o convívio do ser humano com as enfermidades que os afligem (BRASIL, 2012). Estão entre os expedientes mais utilizados nos serviços de saúde, sendo que, nos países em desenvolvimento, representam cerca de 30% dos gastos direcionados à atenção à saúde (TOURINHO et al., 2008)¹.

A utilização de medicamentos é, majoritariamente, influenciada pelos conhecimentos médicos sobre as doenças e sobre os efeitos das drogas no organismo. Noutro sentido, pode ser influenciada também por aspectos outros, tais como, por exemplo, aspectos culturais, psicológicos, sociais e econômicos envolvendo tanto o médico quanto o paciente e a família. Sendo assim, a utilização de medicamentos não reflete apenas os critérios epidemiológicos locais e o conhecimento em saúde dos seus profissionais. Desse modo, entre as crianças, o uso de medicamentos pode ser influenciado por conhecimentos prévios obtidos junto a algum profissional de saúde, assim como por conhecimentos obtidos com pessoas leigas (sobretudo familiares) ou por influência do meio em que vivem (PERDIZES et al., 2015).

O uso correto dos medicamentos é um dos principais determinantes para a efetividade do tratamento médico. Contudo, estima-se que mais da metade de todos os medicamentos é prescrita ou dispensada de forma inadequada, além do fato de metade dos pacientes não usarem esses produtos corretamente (WHO, 2010). Sendo assim, o uso indiscriminado de medicamentos produz riscos diretos e indiretos em toda a população,

¹ No Brasil, destaca-se a Política Nacional de Medicamentos (PNM), como parte essencial da política de saúde nacional. Seu propósito precípua é garantir a necessária segurança, eficácia e qualidade dos medicamentos, a promoção do uso racional e o acesso da população àqueles considerados essenciais.

caracterizando-se como importante problema de saúde pública (SILVA et al., 2009). No Brasil, a utilização irracional de medicamentos tem causado sérios problemas de saúde pública, sobretudo sob a ótica da resistência a antimicrobianos, mas também gerando casos de intoxicação envolvendo principalmente e de forma mais intensa as crianças².

No âmbito do uso irracional de medicamentos, destaca-se a automedicação, que, como se sabe, está associada a vários riscos para o indivíduo. Estes riscos estão relacionados principalmente ao atraso ou ao diagnóstico incorreto de alguma doença. Este fato se dá devido ao mascaramento dos sintomas, o que pode colaborar com o agravamento e/ou com complicações da doença. A atitude de automedicar-se pode conduzir a uma escolha inadequada da via de administração, da dosagem e da posologia. O uso incorreto do medicamento pode causar efeitos indesejados, em alguns casos promovendo inclusive formas graves de intoxicação medicamentosa. Não se pode excluir os casos de interações com outros fármacos que estejam em uso, ou foram administrados de forma conjunta, podendo provocar reações de natureza alérgicas e de intolerância ao produto utilizado.

De modo geral, o consumo de medicamentos vem se tornando cada vez mais intenso, sendo por vezes desnecessário, com eles sendo entendidos como sinônimo de cura e de saúde (LIMA et al., 2010). Vários estudos apontam para altas prevalências de suas utilizações em todos os estratos populacionais, sendo constante para todas as classes de medicamentos (LEITE, et al., 2008). Mais especificamente, nota-se que tal banalização tem afetado o uso em crianças e adolescentes, principalmente por serem estes os principais usuários dos sistemas de saúde de países em desenvolvimento. Mesmo que 50% da população brasileira não tenha acesso a medicamentos, o consumo apresenta-se muito alto, estando dessa maneira muito presente em todas as faixas etárias (SCHENKEL et al., 2004). Silva e Giugliani (2004) estimam uma prevalência entre 65% e 80% de consumo entre a população infantil. De acordo com os mesmos autores, o consumo regular entre adolescentes é de 49,5%, o que representa um alto índice, para uma classe da população considerada de difícil acesso aos medicamentos. Estudos indicam que as crianças estão mais sujeitas a um consumo abusivo de medicamentos (WEIDARPASS et al., 1985; BRICKS, 2003), estimuladas principalmente pelos pais, por familiares ou até mesmo pelo próprio meio social em que vivem, incluindo o ambiente escolar.

² O Uso Racional de Medicamentos se faz presente quando pacientes recebem medicamentos apropriados para suas condições clínicas, em doses adequadas às suas necessidades individuais, por um período adequado e ao menor custo para si e para a comunidade.

A prática popular do uso de medicamentos em crianças é baseada principalmente em extrapolações e adaptações do uso em adultos, ignorando as diferenças entre as crianças e adultos, submetendo-as a riscos de eficácia não comprovada bem como a efeitos não avaliados e que não oferecem segurança (SANTOS et al., 2009). Neste contexto, interessa ressaltar que o uso de medicamentos em crianças diferencia-se do uso em adultos por vários motivos, entre os quais destacam-se a menor prevalência de doenças crônicas e o maior grau de incerteza presente nas prescrições e na utilização (SILVA et al., 2016). Além disso, particularidades relacionadas à fisiologia, farmacocinética e farmacodinâmica fazem com que as crianças estejam mais susceptíveis aos efeitos nocivos dos medicamentos (CARVALHO et al., 2008). A incerteza em relação à eficácia e segurança dos medicamentos disponíveis para este subgrupo populacional contribui para que as crianças sejam consideradas um grupo de risco.

Apesar de haver relativo consenso em torno dos fatos de que há elevado consumo de medicamentos entre crianças e adolescentes e de que eles representam um grupo fortemente predisposto ao uso irracional, verifica-se que são poucos os estudos que trabalham tal tema. Daí a relevância de aprofundarmos a compreensão sobre os múltiplos fatores que cercam a utilização de medicamentos nesta faixa etária: como são acondicionados e armazenados, como são administrados, quais são os profissionais mais procurados para sanar dúvidas, quais são os mais usados, se são utilizados em associação com terapias alternativas, se existe a automedicação nas crianças e adolescentes pelos próprios pais etc. O presente artigo sintetiza resultados de pesquisa que enfrentou tais questões.

O trabalho reflete sobre como pais de alunos do ensino fundamental compreendem e atuam sobre as múltiplas dimensões que envolvem a utilização de medicamentos por seus filhos. A pesquisa empírica que deu origem a este trabalho foi desenvolvida buscando entender as práticas destes cuidadores, considerando seus hábitos de uso de medicamentos – destacando-se as relações simbólicas que estabelecem entre eles e outros elementos do cotidiano, o desenvolvimento de tratamentos, o armazenamento, a posologia e a administração dos medicamentos.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado no contexto da Escola Municipal Jorge Mascarenhas, localizada no município de Araçai, na região central de Minas Gerais, distante cerca de 120 km ao norte da capital Belo Horizonte. Segundo dados do Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística, o município possui 2.243 habitantes, com 80% deles vivendo na zona urbana, uma taxa de alfabetização de 80% e renda familiar média de 1 a 2 salários mínimos (ARAÇAI, 2017). A Escola Municipal Jorge Mascarenhas é a única de Araçai que oferece o Ensino Fundamental e, por conseguinte, capta todas as crianças e adolescentes do município.

O processo de construção e análise dos dados esteve ancorado em uma abordagem qualitativa. Participaram do estudo pais de alunos regularmente matriculados no Ensino Fundamental 1, ou seja, alunos do 1º ao 5º ano, estando suas idades compreendidas entre 6 e 11 anos. Foram realizados 3 grupos focais com cerca de 3 participantes em cada um. Os grupos focais foram compostos de maneira aleatória, com base no levantamento do número de pais de alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Jorge Mascarenhas. Para tanto, foi utilizado o cadastro mantido pela Escola. Reunidos os nomes de todos os pais, foram realizados sorteios para a definição daqueles que seriam convidados a participar. Foram utilizados canais de comunicação mantidos pela própria Escola para realização do contato inicial com os potenciais colaboradores da pesquisa.³

Cada grupo focal teve aproximadamente uma hora de duração. Os grupos focais ocorreram nos meses de outubro e dezembro de 2018. Em suas sessões foram propostas, aos pais participantes, aproximadamente oito questões relacionadas à utilização de medicamentos em crianças e adolescentes em idade escolar. A partir destas questões os participantes discutiram suas percepções e vivências sobre os temas. Todas as sessões foram gravadas em áudio.

Construídos os dados do estudo através dos grupos focais, os mesmos foram submetidos à análise de conteúdo. Por meio desta estratégia o conteúdo linguístico dos grupos foi tratado tendo em vista a compreensão das experiências e perspectivas dos pais em relação à utilização de medicamentos por crianças e adolescentes.⁴

Inicialmente foi realizada a transcrição das gravações de áudio. Na sequência foi feita a codificação de todas as falas ocorridas nos grupos. Para tanto, nos termos de Bardin (1977), cada fala foi tomada como uma “unidade de registro”. Cada unidade de registro recebeu então um código, que indicava sua origem e posição no conjunto do material linguístico produzido. Em uma terceira etapa, foi construída uma matriz global em formato digital que organizava e continha todas as unidades de registro. Em uma quarta etapa, foram buscadas diferenças e similaridades entre os conteúdos apresentados pelas

³ Para detalhes sobre a técnica do grupo focal, ver Oliveira e Freitas (1998) e Gatti (2012).

⁴ Para detalhes sobre a análise de conteúdo, ver Rocha Silva *et al.* (2005) e Cavalcante *et al.* (2014).

unidades de registro e, com base nelas, foi feita a categorização do material. Tal categorização foi realizada em três níveis, hierarquicamente constituídos, com o material sendo organizado a partir de categorias, subcategorias e infracategorias.

A quinta etapa da análise teve como fundamento dois princípios. Primeiro, que os sentidos de cada categoria devem ser considerados à luz de suas frequências e relevâncias. Segundo, que tais sentidos não podem ser compreendidos isoladamente, mas apenas em relação aos sentidos apresentados pelas demais categorias. Assim, foram analisados os sentidos que as categorias, subcategorias e infracategorias apresentavam a partir das relações que estabeleciam entre si. Identificou-se que essas relações eram de seis tipos: de dependência, de simultaneidade, de associação, de contraposição, de estimulação e de sequenciamento. Por fim, tal processo valeu-se da construção de diagramas, por meio dos quais os principais aspectos da análise foram sistematizados e destacados.

A pesquisa que deu origem ao presente trabalho foi aprovada e acompanhada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (CEP-UFVJM), tendo sido registrada com o número CAAE: 88205118.8.0000.5108.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do conteúdo dos debates ocorridos nos grupos focais realizados com a participação de pais de jovens da cidade de Araçá possibilitou um alargamento do entendimento de como tais cuidadores compreendem e atuam sobre as múltiplas dimensões que envolvem a utilização de medicamentos por seus filhos. Foi possível perceber que suas práticas possuem múltiplas ancoragens, articulando experiências pessoais, hábitos tradicionais, prescrições profissionais e condições sociais de acesso e de uso de medicamentos. Pôde-se constatar, também, que suas experiências, para serem adequadamente interpretadas, precisam ser consideradas de maneira global, tendo em vista as relações existentes entre os múltiplos fatores que as conformam.

Entre tais sujeitos, o principal local de aquisição de medicamentos é a farmácia pública municipal. De acordo com eles, isso se deve ao fato de que esta farmácia é de fácil acesso e está próxima à única unidade básica de saúde do município. Além disso, nesta farmácia é disponibilizado atendimento gratuito de assistência farmacêutica, o que também impulsiona que os cidadãos procurem acessá-la. Dessa forma, é comum que os pacientes busquem esta farmácia para obter os medicamentos a eles prescritos na unidade básica de saúde ou que a ela se dirijam para solucionar dúvidas.

A partir dos grupos focais pôde-se perceber que os instrumentos mais usados para acondicionamento de medicamentos em domicílio são caixas de sapatos, caixas e cestinhas de plástico. Estes instrumentos normalmente são adaptações ou reaproveitamentos de recipientes originalmente usados para a guarda de outros produtos. Já os locais mais usados para armazenamento dos medicamentos são os armários, principalmente da cozinha, e em gavetas de criados-mudos ou cômodas dos quartos. Tais locais são escolhidos devido à facilidade de acesso. Quanto à cozinha, acrescentam-se os fatos de ser o lugar onde existe disponibilidade de água, o que facilita a administração do medicamento, onde ocorre intensa convivência entre os membros da família, e onde há a constante presença da mãe, que geralmente é a responsável por administrar medicamentos.

O estoque de medicamentos está presente na maioria dos domicílios. Os mais comuns no estoque domiciliar são: analgésicos, antitérmicos, antialérgicos e antiinflamatórios. O armazenamento de analgésicos e antitérmicos se deve ao aparecimento de agravos em crianças tais como febre e dor, já os antialérgicos são armazenados em situações em que ocorre a sobra em algum tratamento. Em alguns casos os antialérgicos são mantidos intencionalmente como recurso para tratamento, tendo em vista características climáticas da região, onde existe um período de seca com presença constante de poeira e ácaros, o que faz com que haja forte incidência de processos alérgicos em crianças e adolescentes.

Os pais relataram que realizam o transporte de medicamentos para utilização nas crianças em situações nas quais se afastam do domicílio. Nesses casos, a conduta mais comum é o acondicionamento em bolsa destinada aos objetos da criança. Foi descrito que tal prática acompanha o hábito de, ao deixar a residência com filhos pequenos, se organizar uma bolsa com roupas e utensílios diversos da criança, sendo os medicamentos reunidos a estes outros objetos.

De acordo com os resultados obtidos, os medicamentos mais usados pelos pais nas crianças são os antialérgicos, os antitérmicos e os analgésicos. Ao que tudo indica, nos casos destes, assim como no dos demais medicamentos, suas utilizações pelas crianças são, na maioria das vezes, mediadas pelas mães, que os preparam e realização a administração. Tal mediação efetuada pelas mães vale-se de fatores que transcendem os procedimentos estabelecidos para o consumo destes produtos.

Os profissionais mais comumente consultados para sanar dúvidas em relação à saúde dos filhos são o pediatra, o clínico geral e o farmacêutico, tendo como base o

médico da estratégia de saúde da família. Em relação às dúvidas no que diz respeito especificamente à utilização de medicamentos nas crianças e adolescentes, o profissional de referência é o farmacêutico, que é buscado para se obter orientações em relação à dosagem, à posologia e às formas de administração.

As condutas de preparo dos medicamentos decorrem, sobretudo, do conhecimento prévio adquirido através do cuidado com filhos mais velhos. De modo geral, as mães que participaram dos grupos focais relataram procedimentos adequados, do ponto de vista farmacêutico, quanto ao preparo dos medicamentos que exigem reconstituição, ou seja, adição de água para consumo. O mesmo ocorreu em torno da conduta em cada administração, considerando a necessidade de se agitar sistematicamente o medicamento em suspensão. Ainda sobre as formas de preparo e uso, observou-se que as mães usam os frascos dosadores ou as seringas fornecidas com os produtos, o que facilita a administração e evita erros quanto à dosagem.

Dentre todas as participantes dos grupos focais, apenas uma das mães possuía somente um filho. Os diálogos permitiram concluir que os cuidados anteriores com outros filhos impactam diretamente na conduta em relação ao uso de medicamentos nos filhos menores. A experiência adquirida em tratamentos anteriores é decisiva para a definição das múltiplas ações que envolvem a gestão do uso dos fármacos pelas crianças.

Nos grupos focais foi pedido que as mães relatassem a última experiência de seus filhos com medicamentos. Curiosamente, todas afirmaram que seus filhos estavam em uso de medicamentos naquele momento, sendo fármacos principalmente para tratamento de dores e de infecções. Estes relatos foram, por conseguinte, ao encontro das listas dos medicamentos citados nas descrições de diferentes processos. De maneira geral, observou-se forte coincidência entre os medicamentos mais consumidos, os mantidos com maior frequência nos estoques domiciliares e os distribuídos pela farmácia pública municipal. A interpretação das falas ocorridas nos grupos focais leva a crer que uma das principais lógicas que dão suporte a tal coincidência é a da automedicação.

A automedicação apresentou-se como prática importante nos diálogos ocorridos nos grupos focais. Todos os participantes afirmaram promover, por essa via, o uso de algum medicamento nos filhos. Os principais sintomas motivadores da automedicação nas crianças foram a dor de cabeça, o resfriado e a febre, sendo os medicamentos de uso comum os antialérgicos, os antitérmicos, os analgésicos e os antiinflamatórios. Os principais motivos relatados para a automedicação são os horários em que ocorrem os agravos e a dificuldade de acesso nesses horários a profissional de saúde. Notou-se, ainda,

que a automedicação está relacionada à utilização de medicamentos com os quais os pais tiveram alguma experiência no passado, e que inclusive mantêm em domicílio. Outra conduta muito comum para a administração de medicamentos sem receituários é a utilização de receita fornecida anteriormente por profissional de saúde ou mesmo a utilização de medicamentos prescritos para outros filhos.

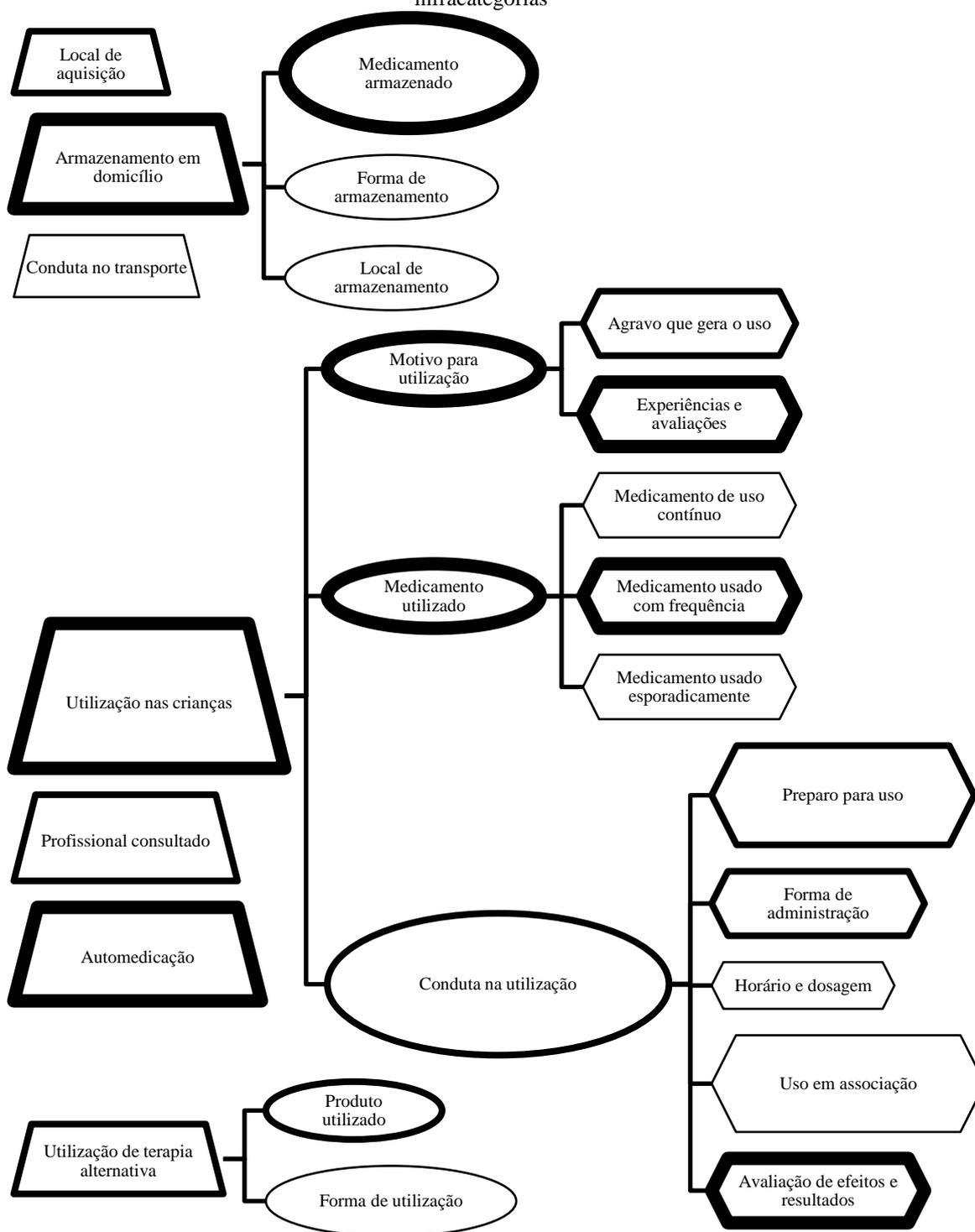
Outro importante processo abordado pelos pais nos grupos focais foi o uso de terapias alternativas no tratamento das crianças, principalmente através da utilização de plantas medicinais. De acordo com os participantes, as plantas são empregadas, normalmente, de dois modos: como forma de tratamento inicial anterior à procura por um profissional de saúde, ou como complementação da terapia proposta pelo profissional de saúde. As mães afirmaram que usam as plantas medicinais de várias formas, sejam as folhas, o caule ou as raízes. As plantas mais utilizadas por elas são: tanchagem, manjeriço, guaco, poejo, algodão, canela, romã, caninha e café. A facilidade de acesso às plantas e de preparo das mesmas foi apontada como aspecto impulsionador de seus consumos. Sobre as razões desta prática, foi indicado que ela se deve aos laços culturais que envolvem as famílias e ao fato de os conhecimentos em relação ao uso das plantas serem passados de geração em geração.

A reflexão acerca destes e de outros resultados obtidos no estudo passaram, como indicado anteriormente, pela confecção de diagramas por meio dos quais foram sistematizadas relações estabelecidas entre as categorias, subcategorias e infracategorias delineadas com base nas falas das colaboradoras. A Figura 1 apresenta diagrama elaborado a partir do cruzamento dos dados obtidos nos grupos focais. Nele fica explícito, sobretudo, que as práticas dos pais em torno das múltiplas dimensões que envolvem a utilização de medicamentos por seus filhos apresentam um caráter sistêmico. A Tabela 1 apresenta as principais relações existentes entre as categorias, subcategorias e infracategorias, reforçando a descrição das interligações existentes neste cenário. Neste sentido, explicita-se que os diversos fatores e processos envolvidos neste contexto de utilização de medicamentos influenciam-se mutuamente, adquirindo seus sentidos tão somente em relação à totalidade na qual estão inseridos.

Destaque-se, sob este prisma, que o armazenamento de medicamentos em domicílio ocorre influenciado pelo fato de existir sobras de tratamentos anteriores realizados com os filhos. Além disso, este armazenamento também é influenciado pelos conhecimentos adquiridos previamente por meio dos tratamentos realizados anteriormente com os filhos. Ao guardar medicamentos em casa – quer por

aproveitamento, quer por prevenção – os pais acabam por impulsionar seus usos e, associadamente, a automedicação. A disponibilidade dos medicamentos no domicílio inevitavelmente favorece seus usos pelas crianças, além de estimular suas utilizações sem orientação e/ou prescrição por profissional de saúde. Noutro sentido, as dificuldades de acesso aos profissionais de saúde estimulam que os pais busquem se resguardar por meio do armazenamento dos medicamentos. Tais dificuldades também estão vinculadas ao uso de terapias alternativas, especialmente ao consumo de chás de plantas medicinais. Por outro lado, saberes acumulados em torno das experiências de doença e das suas formas de tratamento por vezes levam os pais a dispensarem a procura por profissional de saúde, optando pela automedicação, tanto com uso de plantas medicinais quanto com o uso de medicamentos alopáticos ou industrializados. Por fim, notou-se que a facilidade de obtenção de ambos estes produtos (plantas medicinais e medicamentos alopáticos ou industrializados) incentiva seus usos e, mais além, estimula suas utilizações sem orientação de profissional de saúde, inclusive, em alguns casos, de maneira concomitante.

Figura 1: Frequência⁵, relevância⁶ e relações entre as principais categorias, subcategorias e infracategorias⁷



Fonte: acervo da pesquisa

⁵ A frequência de ocorrência das unidades de registro é indicada pelo tamanho das figuras que as comportam: quanto maior a figura, maior a frequência.

⁶ A relevância de cada categoria, subcategoria ou infracategoria é indicada pela espessura do contorno da figura: quanto mais espesso o contorno, maior a relevância.

⁷ As categorias aparecem à esquerda e são representadas por trapezoides; as subcategorias aparecem ao centro e são representadas por elipses; as infracategorias aparecem à direita e são representadas por hexágonos.

Tabela 1: Principais relações existentes entre as categorias, subcategorias e infracategorias:

Categ./Subcateg./Infracateg.	Relação	Categ./Subcateg./Infracateg.
Armazenamento em domicílio	Dependência	Medicamento utilizado
Conduta na utilização	Dependência	Experiências e avaliações
Utilização de terapia alternativa	Simultaneidade	Automedicação
Medicamento armazenado	Associação	Medicamento utilizado
Medicamento utilizado	Associação	Avaliação de efeitos e resultados
Profissional consultado	Contraposição	Automedicação
Armazenamento em domicílio	Estimulação	Utilização nas crianças
Experiências e avaliações	Estimulação	Medicamento utilizado
Automedicação	Sequenciamento	Utilização nas crianças

Fonte: acervo da pesquisa

O estudo realizado indicou a existência de alta prevalência do uso de medicamentos por crianças e adolescentes. Todas as mães participantes relataram promover o uso frequente de um ou mais medicamentos em seus filhos – seja por prescrição de profissional de saúde ou por opção própria. Tal panorama é amplamente confirmado pela literatura. O trabalho de Semtchuk et al. (2012) determinou que 78% das crianças consumiram algum tipo de medicamento no período em questão, enquanto no trabalho de Romão et al. (2014) 79,9% dos entrevistados afirmaram ter administrado algum medicamento nas crianças. Santos et al. (2009) identificaram uma prevalência de 48% de consumo de medicamentos em crianças de quatro a onze anos de idade, enquanto Almeida et al. (2012) identificaram grande consumo de medicamentos por estudantes, sendo que 52% realizam o uso de forma regular e 79% realizam o uso de forma esporádica e eventual. Parece não haver dúvida, portanto, da relevância que a utilização de medicamentos assume na vida das crianças, requerendo, assim, a atenção tanto de pesquisadores quanto de gestores de políticas de saúde.

Os locais onde os medicamentos são adquiridos possui grande relevância e influencia seus usos. Entre os sujeitos pesquisados, o local mais frequente de aquisição dos medicamentos é a farmácia da rede pública de saúde. Situação semelhante foi demonstrada no estudo de Silva et al. (2016), onde o local mais frequente para aquisição foi a farmácia básica, representando 80,6% dos relatos da população estudada. De acordo com o indicado pelo estudo de Arrais et al. (2005), boa parte da população brasileira depende do SUS para ter acesso aos medicamentos. Contudo, não é raro que medicamentos sejam adquiridos em drogarias da rede privada, principalmente quando não são distribuídos ou não estão disponíveis na rede pública. Conforme pudemos vislumbrar nos grupos focais, o local de aquisição dos medicamentos possui uma relação de associação imediata com o profissional consultado e, posteriormente, com as experiências e avaliações produzidas pelas mães.

Outro aspecto importante e constante nos cotidianos das mães diz respeito ao armazenamento em domicílio. Em sintonia com o indicado por Lima et al. (2010) e por Beckhauser et al. (2012), as famílias têm o hábito de manter estoques de medicamentos em suas casas, o que aumenta os riscos de intoxicação por uso indevido, de troca de remédios, de dúvidas quanto à aplicabilidade etc. Além disso, a presença dos fármacos em casa pode até mesmo colaborar para que as crianças os utilizem por conta própria, impulsionadas pela facilidade e disponibilidade com que os mesmos são dispostos – o que, normalmente, causa sérios problemas de intoxicação (Maior & Oliveira, 2012). Soma-se a isso a simultaneidade das relações estabelecidas entre os medicamentos armazenados, os usados com frequência, a automedicação e a avaliação de efeitos e resultados.

No Brasil, a maioria das intoxicações atendidas nos serviços de toxicologia envolvendo crianças e adolescentes é causada por medicamentos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015). Os riscos de intoxicação das crianças, assim como as falhas nas terapias propostas, também são acentuados em função de problemas derivados das formas de armazenamento em domicílio e das condutas no transporte dos medicamentos. Instrumentos geralmente utilizados pela família (caixas de papelão e sacolas de plástico, por exemplo) facilitam que os medicamentos sofram variações de temperatura e umidade, o que pode interferir em suas características físicas e químicas. Tais práticas de armazenamento e transporte são componentes da cultura familiar, podendo ser aprimoradas a partir da participação em iniciativas de educação farmacêutica.

Analgésicos, antiinflamatórios, antitérmicos e antialérgicos atravessaram, de maneira incontestável, a maior parte dos relatos obtidos nos grupos focais acerca da automedicação, da utilização e do armazenamento de medicamentos. No estudo de Pereira et al. (2007), as principais situações de doença que motivaram o uso de medicamentos foram: tosse, resfriado comum, gripe e congestão nasal ou bronco espasmo, febre, cefaleia, diarreia, má digestão e cólica abdominal. De acordo com Fedhaus & Cancelier (2012), a febre é uma das queixas mais frequentes em consultas pediátricas, em todos os níveis da atenção em saúde, podendo chegar a 25% de todas as queixas. Já no trabalho de Alves et al. (2011), o principal motivo para o uso de analgésicos foi a dor de cabeça. Por sua vez, em Matos et al. (2018) a dor foi o sintoma responsável por 67,9% dos casos de automedicação, seguido por resfriado/gripe (32,6%). Ainda de acordo com este estudo, o motivo mais apontado para a prática da automedicação foi a experiência anterior com o medicamento utilizado, correspondendo a 54,5% do universo.

A automedicação com analgésicos, antitérmicos e antialérgicos, como se sabe, pode levar ao mascaramento de determinadas doenças, culminando inclusive com a piora dos sintomas, provocando problemas mais graves. Analgésicos e antitérmicos foram identificados como a classe terapêutica de maior consumo pelos estudos de Arrais et al. (1997), Da Silva & Giugliani (2004), Santos et al. (2009), Silva et al. (2009), Alves et al. (2011) e Matos et al. (2018). Para Fedhaus e Cancelier (2012), analgésicos e antitérmicos estão entre os medicamentos mais utilizados em crianças. Analgésicos e antitérmicos são frequentemente utilizados, provavelmente devido ao fato de a febre ser uma manifestação comum em crianças (PERDIZES et al., 2015). Este mesmo fato foi confirmado por Pizzol et al. (2016), pois em seu estudo as causas mais frequentes para o uso de medicamentos em crianças foram a febre (8,4%), a gripe ou resfriado (7,3%), a dor (5,8%) e a infecção (4,6%), elucidando a busca pelo uso de analgésicos e antitérmicos. O mesmo foi encontrado por Murahovschi (2003), onde os medicamentos mais utilizados para tratamento da febre foram o ácido acetilsalicílico (AAS), o paracetamol, a dipirona e os anti-inflamatórios não hormonais (AINH), como o ibuprofeno. Almeida et al. (2012) salienta que os analgésicos têm seu consumo favorecido devido à facilidade com que são adquiridos. Tais medicamentos não necessitam de prescrição médica e são encontrados em quase todos os estabelecimentos farmacêuticos. Já no estudo realizado por Cruz et al. (2017), no que se refere aos medicamentos encontrados na farmácia domiciliar, destacam-se os antialérgicos, antitérmicos e analgésicos. O concurso entre estes dados torna evidente que ações de educação farmacêutica devem privilegiar o trabalho com tais tipos de fármacos.

Vinculada às múltiplas dimensões que compõem a condução pelas mães do uso de medicamentos em crianças, a automedicação se apresenta como um elemento constante e central. A literatura especializada é farta em demonstrações deste fato. Loyola Filho et al. (2002) encontraram uma prevalência de 53,3% de automedicação no contexto estudado, tendo sido os analgésicos, antitérmicos e anti-inflamatórios não esteroides os medicamentos mais consumidos. Urbano et al. (2010) afirmam que 62% da população estudada declara administrar medicamentos sem receituário. O mesmo foi observado por Pereira et al. (2007), onde obteve-se um percentual de 56,6% de prevalência para o uso de automedicação em crianças. Nos mesmos estudos, afirma-se que a maior prevalência de uso de automedicação está na faixa etária dos 8 aos 11 anos de idade, inclusive apontando a idade média de 9,6 anos, fato que comprova a maior utilização por parte dos cuidadores para o uso de automedicação em crianças nesta faixa etária. Estes mesmos

dados se assemelham àqueles obtidos nos estudos realizados por Matos et al. (2018) e Bricks & Leone (1996) onde a prevalência da automedicação foi encontrada na maior parte da população estudada, apresentando índices de 69,3% e 77%, respectivamente.

Por fim, vale refletir sobre a destacada participação das mães nas condutas relacionadas aos cuidados com a saúde das crianças de um modo geral e com o consumo de medicamentos em particular. Tal destaque se fez perceber tanto a partir da presença das mães nos grupos focais realizados, quanto nos relatos por elas trazidos. De acordo com os debates ocorridos nos grupos focais, os diversos processos que envolvem o uso dos medicamentos nas crianças têm como suporte básico a dinâmica e os valores familiares e, de modo concatenado, como eixo ordenador as práticas conduzidas pelas mães. Sendo assim, o estudo fez ressaltar a importância das mães no que tange ao uso de medicamentos pelas crianças e, conseqüentemente, a necessidade de privilegiar suas condições e posições em iniciativas de educação farmacêutica voltadas para a saúde da criança.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa cujos resultados foram aqui explorados indicou que no município de Araçá existe constante consumo de medicamentos entre crianças e adolescentes em idade escolar, tendo como principais condutores seus pais e cuidadores. Assim, os pais assumem papel decisivo na utilização de medicamentos por seus filhos, pois estão intimamente ligados a todo o ciclo de práticas e valores que atravessam o uso dessas substâncias: seleção das que serão consumidas, aquisição, armazenamento, dosagem, associação etc.

Dentre os responsáveis pela condução do uso de medicamentos, a figura da mãe apresentou-se como central. Ela articula processos que envolvem a dinâmica familiar em suas múltiplas dimensões, em especial os cuidados com a saúde das crianças. Sendo assim, a compreensão do modo como as crianças consomem medicamentos – assim como potenciais intervenções dirigidas à qualificação deste consumo – deve, necessariamente, considerar o papel destacado desempenhado pelas mães.

Estudos como o aqui apresentado, dedicados ao entendimento dos hábitos da população sobre a utilização de medicamentos em crianças e adolescentes em idade escolar, são importantes mecanismos para o desenvolvimento de propostas de intervenção direcionadas à diminuição dos riscos relacionados ao uso irracional de medicamentos. Tais iniciativas têm o potencial de abrandar os agravos em saúde, principalmente aqueles

associados aos riscos de intoxicação, o que leva ao aumento dos gastos públicos, à deterioração da qualidade de vida das comunidades e à piora dos problemas relativos à saúde individual. Sob este prisma, esperamos que os dados aqui descritos possam ser extrapolados e servir de base para a análise de outros grupos populacionais semelhantes, tendo como horizonte o encontro de soluções e alternativas de saúde pública.

Parece não haver dúvidas da existência de um intenso uso de medicamentos nas crianças sem a devida ancoragem em orientações profissionais. Conjuntamente, a conscientização da população é uma condição para a melhoria da qualidade de vida e para que sejam alcançados níveis mais elevados de promoção da saúde. Assim, se torna indispensável a implantação de ações que minimizem os riscos relacionados ao uso inadequado de medicamentos.

Entretanto, é possível assentir que tais ações devem privilegiar o oferecimento de orientações difusas e multidimensionais às mães. Conforme discutido ao longo deste trabalho, a gestão do uso de medicamentos pelas mães não se vale tão somente de conhecimentos e avaliações ligadas estritamente ao manejo de tais substâncias. Ao contrário, tal gestão se vincula a percepções, práticas e ponderações mais amplas, ligadas a diferentes âmbitos da vida familiar e social. Nesse sentido, não basta oferecer às mães orientações relativas unicamente ao manejo dos medicamentos desde um ponto de vista técnico-científico. Dito de outro modo, o uso racional de medicamentos envolve práticas e valores que os transcendem, sendo preciso ocupar-se dos variados sentidos destas práticas e valores para que as crianças tenham contatos e experiências mais profícuas com os medicamentos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cláudia et al. Levantamento do uso de medicamentos por estudantes do ensino médio em duas escolas de Porto Alegre, RS, Brasil. **Ciência & Educação**, v. 18, n. 1, p. 215-230, 2012.

ALVES, Daniele da S. et al. Estudo do uso de analgésico por crianças e adolescentes de uma escola pública. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, v. 13, n. 3, p. 36-42, 2011.

ARAÇAI. Secretaria Municipal de Saúde de Araçai. **Plano Municipal de Saúde de Araçai**. Secretaria Municipal de Saúde – Araçai, 2017.

ARRAIS, Paulo Sérgio D. et al. Perfil da automedicação no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 31, n. 1, p. 71-7, 1997.

_____ et al. Prevalência e fatores determinantes do consumo de medicamentos no Município de Fortaleza, Ceará, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 21, n. 6, p. 1737-46, 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BECKHAUSER, Gabriela Colonetti; VALGAS, Cleidson; GALATO, Dayani. Perfil do estoque domiciliar de medicamentos em residências com crianças. **Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada**, v. 33, n. 4, p. 583-589, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. **Uso racional de medicamentos: temas selecionados** / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos – Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BRICKS, Lucia Ferro. Uso Judicioso de medicamentos em crianças. **Jornal de Pediatria**, 79(1): 107-13, 2003.

_____; LEONE, Claudio. Utilização de medicamentos por crianças atendidas em creches. **Revista de Saúde Pública**, v. 30, n. 6, p. 527-535, 1996.

CARVALHO, Diélly Cunha de et al. Uso de medicamentos em crianças de zero a seis anos matriculadas em creches de Tubarão, Santa Catarina. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 26, n. 3, p. 238-44, 2008.

CAVALCANTE, Ricardo Bezerra; CALIXTO, Pedro; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 24, n. 1, p. 13-18, jan./abr. 2014.

CRUZ, Maria Jesus Barreto et al. Estoque doméstico e uso de medicamentos por crianças no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, Brasil. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 114, p. 836-847, jul-set, 2017.

DA SILVA, Clécio H. da; GIUGLIANI, Elsa R. J. Consumo de medicamentos em adolescentes: uma preocupação. **Jornal de Pediatria**, v. 80, n. 4, p. 326-332, 2004.

PIZZOL, Tatiane da Silva Dal et al. Uso de medicamentos e outros produtos com finalidade terapêutica entre crianças no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 50 (supl 2), 2016.

FELDHAUS, Tatherine; CANCELIER, Ana Carolina Lobar. Conhecimentos dos pais sobre febre em crianças. **Arq. Catarin. Med.**, v. 41, n. 1, p. 16-21, 2012.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro Edidora, 2012.

LEITE, Silvana Nair; VIEIRA, Mônica; VEBER, Ana Paula. Estudos de utilização de medicamentos: uma síntese de artigos publicados no Brasil e América Latina. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13 (Sup), p. 793-802, 2008.

LIMA, Geandra Batista; NUNES, Lívio César Cunha; BARROS, José Augusto Cabral de. Uso de medicamentos armazenados em domicílio em uma população atendida pelo Programa Saúde da Família. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15 (Supl. 3), p. 3517-3522, 2010.

LOYOLA FILHO, Antônio Ignácio de et al. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. **Revista de Saúde Pública**, v. 36, n. 1, p. 55-62, 2002.

MAIOR, Marta da Cunha Lobo Souto; OLIVEIRA, Naira Vilas Boas Vidal de. Intoxicação medicamentosa infantil: um estudo das causas e ações preventivas possíveis. **Revista Brasileira de Farmácia**, v. 93, n. 4, p. 422-430, 2012.

MATOS, Januária Fonseca et al. Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. **Cad. Saúde Colet.**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 76-83, 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Fiocruz. **Tabela 7. Casos Registrados de Intoxicação Humana por Agente Tóxico e Faixa Etária**. [Internet]. 2015. [acesso em out 2017]. Disponível em: <https://sinitox.icict.fiocruz.br/sites/sinitox.icict.fiocruz.br/files//Brasil7.pdf>

MURAHOVSKI, Jayme. A criança com febre no consultório. **Jornal de Pediatria**, v.79, Supl.1, 2003.

OLIVEIRA, Mirian; FREITAS, Henrique Mello Rodrigues. Focus Group – pesquisa qualitativa: resgatando a teoria, instrumentalizando o seu planejamento. **Revista de Administração**, São Paulo, v.. 33, n. 3, p. 83-91, julho/setembro, 1998.

PERDIZES, Gregory de Oliveira et al. Uso de medicamentos em crianças de creche na cidade de Santos. **Revista UNILUS Ensino e Pesquisa**, v. 12, n. 28, jul./set. 2015.

PEREIRA, Francis S. V. T. et al. Automedicação em crianças e adolescentes. **Jornal de Pediatria**, v. 83, n. 5, p. 453-58, 2007.

ROCHA SILVA, Cristiane; CHRISTO GOBBI, Beatriz; ADALGISA SIMÃO, Ana. O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e

aplicação do método. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 7, n. 1, p. 70-81, 2005.

ROMÃO, Maria Mácia do Socorro; TOLEDO, Thomas Rodrigues; SOARES, Adriana de Freitas. Uso de medicamentos por crianças de escolas públicas de um município da Zona da Mata mineira. **Revista Científica da FAMINAS**, v. 10, n. 2, mai-ago, 2014.

SANTOS, Djanilson Barbosa; BARRETO, Mauricio Lima; COELHO; Helena Lutescia Luna. Utilização de medicamentos e fatores associados entre crianças residentes em áreas pobres. **Revista de Saúde Pública**, v. 43, n. 5, p. 768-78, 2009.

SEMTCHUK, Ana Letícia Dias; LABEGALINI, Célia Maria Gomes; IAMAGUCHI-LUZ, Kelly Cristina Suzue. Uso de medicamentos entre crianças em idade pré-escolar. **Anais da VI Mostra Interna de Trabalhos de Iniciação Científica** – Cesumar, 2012.

SCHENKEL, Eloir Paulo; MENGUE, Sotero Serrate; PETROVICK, Pedro Ros. **Cuidados com os medicamentos**. Porto Alegre: UFRGS; 2004.

SILVA, Aline Barbosa da; COSTA, Renally Tatiane Santos; FARIAS, Andrezza Duarte. Estudo de utilização de medicamentos em crianças na atenção básica no município de Cuité-PB. **Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Saúde**, 2016.

SILVA, Clécio Homich; GIUGLIANI, Elsa R. J. Consumo de medicamentos em adolescentes escolares: uma preocupação. **Jornal de Pediatria**, v. 80, n. 4, 2004.

SILVA, M. V. S. et al. Consumo de medicamentos por estudantes adolescentes de Escola de Ensino Fundamental do município de Vitória. **Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada**, 2009.

TOURINHO, Francis S. V. et al. Home medicine chests and their relationship with self-medication in children and adolescents. **Jornal de Pediatria**, v. 84, n. 5, p. 416-422, 2008.

URBANO, Ayra Zaine Rodrigues et al. Automedicação infantil: o uso indiscriminado de medicamentos nas cidades de Santos e São Vicente. **Revista Ceciliana**, v. 2, n. 2, p. 6-8, 2010.

WEIDERPASS, Elisabete et al. Epidemiologia do consumo de medicamentos no primeiro trimestre de vida em centro urbano do Sul do Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v.32, n. 4, p. 335-44, 1985.

WHO. WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Medicines: rational use of medicines**. Fact sheet num. 338. May 2010. Disponível em: <<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs338/en/print.html>>. Acesso em: 20 março 2014.